

A TRILOGIA *COMANDO SUL*, DE JEFF VANDERMEER: UMA LEITURA NO CONTEXTO DO ANTROPOCENO

JEFF VANDERMEER'S *SOUTHERN REACH* TRILOGY: A READING IN THE CONTEXT OF THE ANTHROPOCENE

George Augusto do Amaral¹

¹ Mestre e doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), com bolsa Capes. E-mail para contato: georgeamaral@gmail.com.

RESUMO: Este artigo pretende analisar a trilogia de romances de ficção especulativa *Comando Sul* (2014), de Jeff VanderMeer, à luz das teorias relacionadas ao Antropoceno, discutindo de que maneira os temas e dispositivos formais presentes nas obras, como o estranhamento e a metaficcionalidade, dialogam com as questões de ordem climática, ecológica e filosófica, possibilitando a reflexão a respeito da realidade contemporânea e os desafios da crise ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção científica; Ecologia; Ecocrítica; Antropoceno, Estranhamento, Jeff VanderMeer.

ABSTRACT: This article aims to analyze Jeff VanderMeer's *Southern Reach* (2014) trilogy of speculative fiction novels, in the light of theories related to the Anthropocene, discussing how the themes and formal devices of these novels, such as estrangement and metafictionality, dialogue with climatic, ecological and philosophical issues, stimulating meditations on our contemporary reality and on the challenges of the environmental crisis.

KEYWORDS: Science Fiction, Ecology, Ecocriticism; Anthropocene, Estrangement, Jeff VanderMeer

A humanidade chegou a um momento crítico de sua trajetória no planeta Terra. Como ressaltam Deborah Danowsky e Eduardo Viveiros de Castro (2014, p.20), “a história humana já conheceu várias crises, mas a assim chamada ‘civilização global’, nome arrogante para a economia capitalista baseada na tecnologia dos combustíveis fósseis, jamais enfrentou uma ameaça como a que está em curso”.

A ameaça em pauta é a que nos colocou em face de um Novo Regime Climático (LATOURE, 2020, p. 17), que diz respeito à crise ambiental e ecológica que ameaça a nossa própria condição de existência, uma vez que a Terra está “cada vez mais sob o risco de mudar para um estado estéril, no qual poucos de nós poderão sobreviver” (LOVELOCK, 2010, p. 17), assim como as inúmeras espécies que já rumam à extinção. Com efeito, as destruições e contaminações proporcionadas pela civilização industrial têm deixado marcas que se manterão por milênios, de maneira comparável aos traços dos grandes eventos geológicos. Por conta disso, os tempos atuais têm sido classificados como uma nova época geológica: o Antropoceno, termo proposto por Paul Crutzen e Eugene Stoermer (2000, p. 17).

O que parece mais difícil hoje é a tomada de consciência de que se tudo continuar como está, em breve criaremos as condições de nossa própria extinção. Lovelock (2010, p. 20) ressalta que “as empresas e os governos parecem estar aceitando cegamente uma crença de que a mudança climática é fácil e lucrativamente reversível”. Esse tipo de convicção não pode prevalecer. Governantes, empresários, classes dominantes, a população em geral e todos os negacionistas e climatocéticos (LATOURE, 2020, p. 28) terão que aceitar que não é possível manter para sempre o modo de vida ditado pelo capitalismo tardio, baseado em excessos de produção e consumo, queima de combustíveis fósseis, despejo de resíduos químicos e lixo no solo e nas águas, destruição massiva das florestas e da biota, e outros processos de alteração drástica do meio ambiente que se escalaram nos últimos 70 anos. Trata-se, de fato, de encarar a própria finitude, o que é uma verdade cognitiva difícil de administrar afetivamente (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 29).

Abordar esse tipo de questão faz parte das potencialidades da ficção científica, da fantasia e do horror, gêneros que propõem extrapolações no espaço e tempo, nas formas de encarar a alteridade e tudo o que vai além do humano. Quando ainda pouco

se falava em aquecimento global e Antropoceno, muitas dessas obras já antecipavam a possibilidade de uma crise climática e, hoje, com o aumento da notoriedade sobre essa ameaça, a temática ecológica se tornou uma das principais fontes de inspiração desses gêneros. Entre as obras de ficção científica mais recentes que se aproximam das discussões sobre o Antropoceno destaca-se a trilogia *Comando Sul* (2014), de Jeff VanderMeer, composta pelos romances *Aniquilação*, *Autoridade* e *Aceitação*, objetos de análise deste artigo.

O escritor estadunidense Jeff VanderMeer é um dos principais autores contemporâneos do subgênero *weird* da ficção especulativa, vertente originada nos *weird tales* do início do século XX, cujo principal representante é H.P. Lovecraft. Os monstros e mundos criados por VanderMeer, contudo, se afastam da tradição lovecraftiana – marcada pelo racismo e pela misoginia do autor – e configuram um *new weird* que enfatiza a crítica sociopolítica e subverte as convenções da ficção especulativa, promovendo estranhamentos que despertam um novo olhar sobre a realidade contemporânea.

O encontro com alteridades desconhecidas ou incompreensíveis, que são frequentemente representadas como monstruosidades tentaculares e encaradas com uma mistura de admiração sublime e horror grotesco, é um dos temas principais da ficção *weird*. Ao longo do século passado, essas figurações do inominável serviram de metáfora tanto aos horrores das guerras quanto à expansão do capitalismo tardio e seus efeitos opressivos para os marginalizados da globalização. No contexto atual, o pavor diante de uma possível catástrofe ambiental desperta representações de novos monstros, o que nos faz deixar para trás a sublime mãe natureza do Holoceno, acolhedora e sujeita à exploração humana, dando lugar à terrível Gaia *feral* (TSING, 2019) e *vingativa* (LOVELOCK, 2010), que age por meio de uma *intrusão* (STENGERS, 2015), respondendo aos impactos ambientais extensos e ainda crescentes que caracterizam o Antropoceno.

Esse é exatamente o tema da trilogia *Comando Sul*. Os três romances de VanderMeer – *Aniquilação*², *Autoridade* e *Aceitação* (todos publicados em 2014 nos EUA)

2 *Aniquilação* foi adaptado para a televisão em 2018, com direção de Alex Garland. Disponível na plataforma Netflix.

- narram os acontecimentos relacionados à Área X, um local cercado por uma barreira invisível, onde o ecossistema reagiu às contaminações e degradações, provocando eventos indecifráveis para os cientistas e exploradores responsáveis por pesquisar a região.

O primeiro volume da trilogia, *Aniquilação*, traz o relato registrado pela bióloga que integra a 12ª expedição promovida pelo Comando Sul, a agência governamental criada para tentar compreender a Área X:

Éramos quatro ao todo: uma bióloga, uma antropóloga, uma topógrafa e uma psicóloga. Eu era a bióloga. Dessa vez a equipe era formada por quatro mulheres, escolhidas em razão do conjunto complexo de variáveis que regem o envio das expedições. A psicóloga, a mais velha de nós, era a líder. Ela nos hipnotizara antes de cruzarmos a fronteira, para assegurar-se de que manteríamos a calma. Precisamos de quatro dias de uma dura caminhada, depois de cruzar a fronteira, para chegar à costa.

Nossa missão era simples: retomar as investigações do governo sobre os mistérios da Área X, avançando devagar a partir do acampamento principal. (VANDERMEER, 2014, p. 7-8)

Apesar dessa variedade de áreas do conhecimento apontar para uma atuação colaborativa, e de terem sido instruídas a não usarem nomes próprios – sinal de que sua existência como indivíduos havia ficado para trás –, as quatro não agem em conjunto, perdidas no individualismo típico do pensamento moderno propagado pelo Comando Sul.

A Área X é um ambiente inabitado por humanos, onde o ecossistema se restaurou e prosperou, sem a interferência e os resíduos da civilização industrial. Os níveis de radiação e contaminação por poluição e metais pesados caíram para zero, algo impossível no mundo contemporâneo:

O ar da Área X era muito limpo e fresco, enquanto o mundo do outro lado da fronteira era o que sempre fora nos tempos modernos: sujo, cansado, imperfeito, afundando em guerra contra si mesmo. Lá, eu sempre sentira que meu trabalho não passava de uma tentativa fútil de nos salvar de nossa própria natureza. (VANDERMEER, 2014, p. 34)

Nessa passagem fica clara a distinção entre o mundo de dentro e de fora da fronteira, quase como se a Área X fosse uma redoma para um experimento de restauração de uma versão do ecossistema terrestre pré-Antropoceno, antes dos “tempos modernos” que marcaram o início dos efeitos irreversíveis da ação humana sobre o planeta.

Surgido trinta anos antes, o local é descrito como tomado por uma “natureza intocada”, onde os sinais da presença humana praticamente sumiram ou estão em decomposição acelerada. A inquietação do grupo começa justamente quando encontram rastros de uma antiga cidade e de acampamentos se decompondo rapidamente: “cabanas apodrecidas com teto oxidado e derruído, rodas de carroça enferrujadas semienterradas no chão; e os contornos pouco visíveis de currais de gado, que agora eram meros ornamentos para camadas de manga e folhas de pinheiro” (VANDERMEER, 2014, p. 9). O estranhamento inicial surge, portanto, na maneira com que esse ambiente tem destruído a presença humana, mostrando-se detentor da superioridade e do controle dentro da fronteira, o que coloca as exploradoras em uma posição de inferioridade e inverte a noção moderna de que o progresso e a cultura podem controlar a natureza. Na Área X, Gaia demonstra que os humanos são apenas parte do ecossistema, pequenos e frágeis, e suas construções estão fadadas a serem reincorporadas ao solo.

O motivo da formação da Área X e seus responsáveis não são revelados com clareza em nenhum momento da trilogia, e alguns personagens acreditam que se trata da ação de um organismo vindo de fora da Terra. Porém, a bióloga nos dá a chave de compreensão do que significa dizer que a Área X tem origem alienígena quando relata seu assombro frente a uma estrela-do-mar:

O que encontrei quando cheguei lá, apoiando as mãos nos joelhos dobrados para espiar dentro do poço, foi uma espécie rara e colossal de estrela-do-mar, com seis braços, maior do que uma caçarola, que emanava uma luz dourada na água tranquila, como se estivesse pegando fogo. A maior parte dos biólogos deixa de lado seu nome científico e a chama de “destruidora de mundos”. [...] Mas quanto mais ficava olhando, menos compreensível a criatura se tornava. E quanto mais ela parecia um ser alienígena para mim, a sensação de que não entendia nada – sobre a natureza, sobre os ecossistemas –

só fazia crescer. Havia algo em meu estado de espírito sombrio que eclipsava a razão, que me fazia ver aquele animal, que sem dúvida possuía uma posição na taxonomia – catalogada, estudada e descrita –, como algo irreduzível a esse sistema. (VANDERMEER, 2014, p. 177)

A estrela-do-mar descrita pela bióloga de fato possui uma posição na taxonomia, trata-se de uma *acanthaster planci*. O que parece alienígena, portanto, nada mais é do que algo totalmente natural, mas raro de ser encontrado. A incapacidade de aceitar essa estrela-do-mar, vista pela bióloga como uma alteridade irreduzível à Terra, está justamente no olhar viciado dos indivíduos do mundo moderno frente à natureza.

VanderMeer aponta de maneira discreta, como subtexto, que na verdade a contaminação por resíduos químicos, poluição e lixo pode ter sido a catalisadora do surgimento da Área X, e não a presença de algum invasor de outro planeta:

o litoral esquecido tinha sofrido ao longo do tempo de uma ou duas décadas com uma legislação muito liberal no que dizia respeito ao despejo de resíduos biológicos numa “área não incorporada”. Aquela natureza selvagem ocultava uma quantidade de tonéis em decomposição maior do que se podia imaginar, alguns deles em velhas fazendas abandonadas, meio afundadas no barro dos pinheiros. (VANDERMEER, 2016, p. 103)

Avistei dois cargueiros e um barco da guarda costeira ontem à noite. Alguma coisa maior no horizonte – um petroleiro? (VANDERMEER, 2016, p. 99)

Chegou-lhe o odor do óleo e da gasolina e dos resíduos químicos, enquanto o mar agora vinha quase até seus pés. Viu que a praia estava coberta de plástico e lixo e pedaços de metal sujos de alcatrão, barris e pedaços de tubulação incrustados em algas e de cracas. Destroços de navios que vinham à tona também. Detritos que nunca tinham alcançado aquela costa, mas que surgiam ali agora. (VANDERMEER, 2016, p. 343)

A indiferença com que essas evidências graves são abordadas pelas personagens ao longo da narrativa traz uma provocação: indica que a perturbação dos ecossistemas causada pela falta de preocupação de indústrias e governos com o destino

de resíduos tóxicos não nos leva ao estranhamento. É como se viver nas ruínas do capitalismo, conforme termo de Anna Tsing (2015), nos parecesse mais “natural” do que o encontro com a “natureza intocada”, esta sim percebida como perigosa e desconhecida para o nosso olhar antropocêntrico:

Ela [Área X] cria a partir do nosso ecossistema um mundo novo, cujos processos e objetos nos são absolutamente estranhos [...]. Imagine que essa comunicação às vezes confere um senso de estranheza à paisagem devido ao narcisismo de nosso olhar humano, mas que isso é apenas uma parte do mundo natural aqui. (VANDERMEER, 2014, p. 192-193)

Essa fala da bióloga nos faz refletir até que ponto o interior da Área X não é simplesmente um ambiente natural comum, porém livre das perturbações que a Terra tem sofrido pelas ocupações e atividades da civilização industrial. O narcisismo de nosso olhar humano estranha justamente a natureza não tornada paisagem ou fonte de recursos, ou seja, ainda não revertida ao domínio do capital; um olhar que estranha o que é parte do ecossistema terrestre e naturaliza a presença daquilo que é antinatural, como lixo, resíduos e plástico. Isso demonstra também a dificuldade que temos para enxergar a própria Terra como um possível agente de transformação e de reação a esses efeitos destrutivos da civilização moderna sobre os ecossistemas.

Nesse sentido, Lovelock (2010, p. 26) ressalta:

Poucos de nós consideram terrivelmente errado quando alguma joia da paisagem litoral ou rural é degradada por plantações ou gigantescas turbinas de eólicas em escala industrial. Contudo, se formos a uma floresta virgem, a um deserto ou, de fato, a qualquer lugar da Terra onde as coisas ainda crescem em coexistência dinâmica, iremos considera-lo belo, mas assustador, um lugar que coloca nosso detector de perigo em estado de alerta.

Essa percepção crítica, tanto da nossa falta de estranhamento em relação às perturbações agroindustriais na paisagem, quanto da dualidade entre admiração e medo provocados por uma área de natureza virgem relaciona-se diretamente aos horrores sublimes típicos da ficção *weird*, um dos temas principais da trilogia *Comando Sul*.

Na narrativa, os diversos eventos considerados estranhos pelas personagens, inclusive o surgimento da fronteira que separa a Área X do restante do mundo, parecem configurar uma reação a essas perturbações, uma tentativa de apagar as marcas dessas atividades degradantes:

Havia também sinais de poluição, cicatrizes antigas, mas que tinham se diluído tão depressa no firmamento que não fui capaz de calcular havia quanto tempo existiam. E se a Área X estava ajudando a apagar mais rápido os seus efeitos. (VANDERMEER, 2016, p. 175)

A partir disso é possível tecer uma comparação entre as reações da Área X com a concepção de Anna Tsing (2019, p. 14-15) de *ecologia feral*:

Como as transformações industriais e imperiais da paisagem são extensas e poderosas em todo o planeta, nenhum de nós pode escapar dos perigos dessas novas ecologias ferais. “Feral” aqui se refere a reações não projetadas de não humanos às infraestruturas humanas.

Para Tsing (2019), o Antropoceno marca o momento em que esses efeitos perigosos dispararam, graças ao aumento da difusão das estruturas industriais e imperiais que causam essas perturbações. A Terra estaria repleta dessa ferocidade perigosa, especialmente no que diz respeito aos efeitos do dióxido de carbono, da radioatividade e do lixo.

Considerar que a Área X que reage de forma feral frente à degradação e às contaminações propiciadas pelo capitalismo tardio nos permite dialogar também com a ideia de uma Gaia intrusiva proposta por Isabelle Stengers. A autora retoma a hipótese proposta por James Lovelock e Lynn Margulis nos anos 1970 e a atualiza para o contexto do Antropoceno:

Eles [Lovelock e Margulis] incorporavam pesquisas que contribuem para esclarecer o denso conjunto de relações, articulando o que as disciplinas científicas tinham o hábito de tratar separadamente: os seres vivos, os oceanos, a atmosfera, o clima, os solos mais ou menos férteis. [...] E Gaia, “planeta vivo”, deve ser reconhecida como um “ser”, e não assimilada a uma soma de processos. (STENGERS, 2015, pos. 58)

Pensar a Terra enquanto Gaia, portanto, significa considerá-la um imenso organismo mantido em relativo equilíbrio por tudo o que faz parte dele e o habita, de maneira que a atmosfera, os oceanos e os solos só possuem a configuração que conhecemos porque o que é inorgânico interage com os seres orgânicos. A Gaia de Stengers, porém, se afasta da ideia de uma paisagem frágil e acolhedora, pois ela exerce uma reação, uma *intrusão*:

Já não estamos lidando com uma natureza selvagem e ameaçadora, nem com uma natureza frágil, que deve ser protegida, nem com uma natureza que pode ser explorada à vontade. A hipótese é nova. Gaia, a que faz intrusão, *não nos pede nada*, sequer uma resposta para a questão que impõe. [...] A intrusão do tipo de transcendência que nomeio Gaia instaura, no seio de nossas vidas, um desconhecido maior, e que veio para ficar. E, aliás, talvez seja isto o mais difícil de conceber: não existe um futuro previsível em que ela nos restituirá a liberdade de ignorá-la; não se trata de “um momento ruim que vai passar”, seguido de uma forma qualquer de *happy end* no sentido pobre de “problema resolvido”. (STENGERS, 2015, pos. 61)

A Área X representa precisamente essa Gaia desconhecida, uma alteridade que não exige nada, e irrompe sobre o mundo, modificando-o para sempre. Esse destino inevitável de Gaia é representado na trilogia *Comando Sul* pela intrusão final da Área X, que desfaz a barreira que a continha e se espalha pelo mundo, deixando os poucos humanos restantes relegados ao destino de fugir de seus monstros ou serem absorvidos, tornando-se simbioses, parte desse organismo totalizante e indecifrável, sublime e terrível.

Trata-se de um verdadeiro fim de mundo, porém não do mundo enquanto planeta, e sim de certos modos de existência que incluem tanto o mundo da civilização moderna causador do problema, quanto o dos povos tradicionais e das espécies animais e vegetais que serão extintos junto com esse processo que tem escala global.

A Terra real não precisa ser salva. Pôde, ainda pode e será sempre capaz de se salvar, e agora está começando a fazê-lo, mudando de um estado bem menos favorável a nós e outros animais. O que as pessoas querem dizer com o apelo é “salvar o planeta como o conhecemos”, e isso agora é impossível. (LOVELOCK, 2010, p. 31)

Se, como afirma Lovelock, o ponto de retorno já foi ultrapassado, a Área X já está à nossa porta, ameaçando-nos com seus monstros, suas intrusões e reações ferais.

Uma dessas reações da Área X está diretamente relacionada a uma anomalia topográfica, que é o ponto de maior interesse para a 12ª expedição: uma escada em espiral que desce da superfície, similar a uma torre invertida, onde são descobertos fungos brotando das paredes no formato de palavras, construindo um texto apocalíptico parecido com um sermão.

Anna Tsing (2015, p. 137) diz que, ao seguir os fungos até a sua cidade subterrânea, você encontrará os estranhos e variados prazeres da vida interespécies. É justamente o que o grupo de mulheres descobre ao descer a escadaria: um monstro rastejador que parece formado por uma simbiose entre um humano, plantas e animais. É como se a Área X fosse capaz de absorver e transmutar entidades, unindo-as e criando novas formas de vida por um processo que nos remete a uma extrapolação do conceito de simbiogênese descrito por Donna Haraway (2016, p. 219, trad. nossa):

Simbiogênese se refere à junção de entidades vivas para criar algo novo no modo biológico, e não digital ou qualquer outro. Simbiogênese resulta em tipos de organização inovadores, não só em criaturas novas. Simbiogênese nos abre a paleta (e o paladar) para uma possível vida colaborativa.

A ficção especulativa permite que processos como esses, que são parte da natureza, mas muitas vezes invisíveis ou desconhecidos pelas pessoas relegadas ao cimento das cidades, sejam apresentados como representações metafóricas e viscerais que causam estranhamento e, conseqüentemente, reflexão. Esta é a importância dos monstros, figuras úteis para pensar o Antropoceno:

Monstros são figuras úteis para se pensar o Antropoceno, este tempo de transformações humanas massivas das vidas multiespécies e seus efeitos desiguais. Monstros são as maravilhas da simbiose e as ameaças da ruptura ecológica. (...) Monstros nos impelem a questionar as maravilhas e terrores dos emaranhamentos simbióticos no Antropoceno. (BUBANDT et al., 2017, p. M2, trad. nossa)

O conceito de simbiose está presente na trilogia não apenas na configuração dos monstros, sendo um tema que atravessa diversos elementos e cenas. Anna Tsing (2019, p. 100) afirma que a simbiose se manifesta em três formas distintas: a biológica, que acontece entre diferentes espécies, como fungos e árvores; o pensamento colaborativo entre ciências naturais e humanas; e o surgimento de paisagens de habitabilidade multiespécie. Na trilogia, a simbiose biológica aparece nos monstros e nas novas formas de vida; o pensamento colaborativo perpassa a maneira com que os personagens começam aos poucos a perceber que suas referências anteriores não dão conta de entender os modos de vida relacionados à Área X e se reúnem em busca de novos paradigmas; e as paisagens multiespécies estão presentes continuamente ao longo da narrativa, como neste exemplo significativo:

A primeira coisa de que me lembrava sempre que alguém me perguntava por que me tornei bióloga era a piscina tomada de vegetação nos fundos da casa alugada onde cresci. (...) Logo depois que nos mudamos, a relva nas bordas cresceu bastante. Juncos e outras plantas altas predominavam. Os pequenos arbustos que margeavam a cerca em volta da piscina cresceram até cobrir todo o metal. Havia musgo nas rachas entre os azulejos. O nível da água subiu devagar, encorpado pela chuva, e a superfície foi ficando cada vez mais lodosa. Libélulas esvoaçavam o tempo todo por aquela área. Rãs enormes foram se aproximando junto com seus girinos, que mais pareciam manchas disformes que se moviam. Aranhas-d'água e besouros aquáticos começaram a se apossar do local. Em vez de me desfazer do meu aquário de água doce de mais de cem litros, como desejavam meus pais, joguei os peixes dentro da piscina, e alguns deles sobreviveram ao choque. Garças, garças-reais e outras aves da região começaram a aparecer, atraídas pelas rãs, pelos peixes e pelos insetos. Por algum milagre, também, pequenas tartarugas passaram a habitar a piscina, embora eu não tivesse ideia de como tinham ido parar ali. Meses depois de nossa chegada, a piscina tinha virado um ecossistema em pleno funcionamento. Eu costumava entrar devagarinho pelo portão de madeira que rangia e ficava observando, sentada em uma cadeira de jardim enferrujada que havia colocado no canto mais afastado. (...) Em casa, meus pais faziam as coisas banais e desordenadas que os seres humanos fazem neste mundo, às vezes com bastante ruído. Mas para mim era fácil me perder naquele microecossistema da piscina. (VANDERMEER, 2014, p. 48-49)

Esse momento da infância da bióloga demonstra o quanto ela já praticava a percepção do ambiente ao seu redor, notando a beleza daquela paisagem multiespécie onde relações de colaboração e simbiose surgiam aos poucos, trazendo ressurgência para onde antes era uma piscina, uma construção humana. Segundo Tsing (2019, p. 226), ressurgência “é o trabalho de muitos organismos que, negociando através de diferenças, forjam assembleias de habitabilidade multiespécies em meio às perturbações”. De certa forma, um processo também relacionado com o que a Área X começa a fazer no mundo ficcional da trilogia. Não por acaso a bióloga é a personagem que chega mais perto de desvendar os mistérios e compreender como é possível viver nesse ambiente de ressurgência e ruína do capitalismo.

Nesse contexto, se a Área X representa a ressurgência feral de Gaia, a agência governamental Comando Sul aparece como a grande metáfora da ruína do capitalismo e do Estado burocrático e corrupto que o sustenta.

O segundo volume da trilogia, *Autoridade* (2014), aborda esse outro lado da fronteira, fora da Área X. O personagem principal é John Rodriguez, cujo apelido é Controle, novo diretor enviado ao Comando Sul pelo órgão que o regula, a Central. A narração se dá por meio da onisciência seletiva, com foco centralizado na mente de Controle. O leitor toma conhecimento junto com ele sobre os mistérios, jogos de poder, burocracias e problemas que envolvem a agência. Controle é um homem de cálculos, estatísticas, conhecido por ser capaz de reestruturar operações problemáticas da Central e que havia sido retirado do trabalho como agente de campo por causa de um erro do passado.

Controle iniciara sua carreira, reconhecidamente de altos e baixos, na área de vigilância de células terroristas domésticas. Depois o jogaram para síntese de dados e análise organizacional — duas dezenas de casos ou mais, banais em suas semelhanças e sobre os quais ele estava proibido de falar. Casos invisíveis ao público: a história secreta do nada. Porém cada vez mais ele tinha se tornado “o consertador”, porque era muito melhor na identificação de problemas alheios específicos do que na administração de problemas genéricos próprios. Aos 38 anos, era assim que passara a ser conhecido, se é que o conheciam por algo. (VANDERMEER, 2015, p. 16)

Ironicamente, ao longo do romance, Controle toma consciência de que não possui e talvez nunca tenha possuído qualquer controle sobre sua própria vida, muito menos sobre o Comando Sul. Desde criança ele fora controlado pelo avô e pela mãe, ambos agentes importantes da Central. No Comando Sul, descobre que existem camadas de segredos e interesses por trás de cada ação dos funcionários e ainda percebe que tem sido hipnotizado pelo seu superior, a pessoa a quem passa relatórios por telefone e chama apenas de “a Voz”. Nesse caos de informação, intrigas e mentiras, a única que parece um pouco mais confiável aos olhos de Controle é Ave Fantasma, uma *doppelgänger* da bióloga que surgiu do lado de fora da Área X. Os dois acabam desenvolvendo certa proximidade, até por não terem outras pessoas com quem contar. Por isso, quando a fronteira se rompe e o mundo exterior é invadido pela Área X, Controle parte em busca de reencontrar Ave Fantasma, que havia sido levada para longe da instalação. Enquanto diversas figuras de autoridade disputam um poder ilusório, é a Área X – Gaia – que faz sua intrusão e arrebatada o *controle* do mundo, tanto o personagem Controle quanto o controle da situação planetária.

O terceiro volume, *Aceitação* (2014), traz cinco pontos de vista que se passam em quatro temporalidades e locações diferentes. Os capítulos com foco em Controle e Ave Fantasma, ambos narrados em onisciência seletiva e terceira pessoa, dão sequência aos eventos narrados em *Autoridade*. Os capítulos com o ponto de vista de Cynthia, a ex-diretora e psicóloga da 12ª expedição, começam no momento de sua morte – equivalente aos momentos finais de *Aniquilação* –, retornam ao passado, quando ela chega para trabalhar no Comando Sul, e terminam no dia do início da expedição, fechando um ciclo perfeito com o primeiro volume da trilogia. Nesses trechos, narração acontece na segunda pessoa e no presente, como se o leitor fosse a personagem:

Um dia normal na Área X, um dia extraordinário — o dia da sua morte —, e ali está você, encostada a um banco de areia, meio protegida por um muro em ruínas. O sol quente contra o seu rosto, e acima a visão vertiginosa da torre do farol, iminente em sua própria sombra. (VANDERMEER, 2016, p. 7)

O quarto ponto de vista é de Saul Evans, o faroleiro que morava na costa onde se formou a Área X, e seus capítulos sempre começam com um relatório técnico sobre o farol, em primeira pessoa, então continuam em terceira pessoa e onisciência seletiva. Ele conta os eventos que ocorreram no passado, na época do surgimento da barreira invisível, trinta anos antes do início da 12ª expedição.

O último ponto de vista da obra resgata a narrativa em primeira pessoa da personagem principal de *Aniquilação*, a bióloga. Trata-se de uma carta na qual ela relata trinta anos de vivências na Área X após dos eventos da 12ª expedição, ainda que, para Ave Fantasma e Controle, tenha se passado apenas alguns meses quanto eles encontram esse texto.

Portanto, do passado ao futuro e por meio de diversos pontos de vista, *Aceitação* faz uma espécie de caleidoscópio das histórias que compõem a Área X, indo e voltando pelo espaço e pelo tempo até o começo juntar-se ao fim, como uma fita de Möbius. Todos os fatos são colocados em aberto, mas as motivações ficam encobertas por de camadas de engano e camuflagem, como se os diversos textos que integram a narrativa – o diário e a carta da bióloga, o diário de seu marido, as palavras na torre, os estudos do cientista Whitby que Controle lê, entre outros – junto do próprio texto da trilogia, formassem o quebra-cabeças que traz a mensagem final.

Essa mistura de textos e histórias demonstra que se trata de uma ficção autoconsciente, que cria um jogo de camadas ficcionais, o que remete ao conceito de metaficção. Patricia Waugh define a metaficção como um termo conferido ao tipo de texto ficcional que

autoconscientemente e sistematicamente chama a atenção para o seu status como um artefato, com o objetivo de despertar questões a respeito da relação entre ficção e realidade. Fornecendo uma crítica dos seus próprios métodos de construção, esses textos não apenas examinam as estruturas fundamentais da narrativa ficcional, mas também exploram a possível ficcionalidade do mundo fora do texto literário ficcional. (WAUGH, 2001, p. 2, trad. nossa)

Essa possível ficcionalidade do real se traduz em uma instabilidade de percepção que marca uma das questões mais pungentes da trilogia, a constatação de que os

personagens não conseguem entender a Área X e que, enquanto humanos, podem não ter a capacidade ou linguagem necessária para essa compreensão:

Controle sabia que a dor era algo colateral, não era a intenção do Rastejador, mas nada que dissesse respeito à linguagem, à comunicação, poderia transpor o abismo entre os seres humanos e a Área X. Sabia que qualquer ilusão de semelhança seria apenas algum subconjunto da Área X funcionando em seus níveis mais primitivos. Uma folha de relva. Uma garça-azul. Uma formiga. (VANDERMEER, 2016, p. 330)

As camadas metaficcionalis aparecem desde o primeiro volume, uma vez que o conteúdo de *Aniquilação* coincide com o relato escrito pela bióloga dentro da narrativa. Ou seja, além do leitor ter acesso à realidade da Área X mediado pelo olhar não confiável da bióloga – alguém que fora hipnotizada e depois contaminada por um brilho que afeta seus sentidos –, há informações que ela mesma decide incluir ou não no diário e outras que ela anexou ao caderno, mas nunca são encontradas:

Mescladas a esse registro direto do que acontecera à expedição havia observações mais pessoais, a maior parte das quais reluto em transcrever aqui. (VANDERMEER, 2014, p. 168)

Passei quatro longos dias preparando este relato que vocês estão lendo, mesmo com todos os seus defeitos, o qual é complementado por um segundo diário que registra todas as minhas descobertas a partir das numerosas amostras recolhidas por mim e por outros membros da expedição. Escrevi inclusive um bilhete para meus pais. Amarrei todo esse material junto com o diário do meu marido e vou deixá-lo aqui, na pilha que jaz embaixo do alçapão. (VANDERMEER, 2014, p. 194)

Esse mesmo diário é recuperado por Grace durante os eventos descritos em *Aceitação* e lido por Ave Fantasma, quando ela quer ter certeza se as suas memórias são reais. Grace encontra também a carta da bióloga relatando suas experiências depois de que deixou o diário, ou seja, depois dos eventos de *Aniquilação*, e que está transcrita na parte dois de *Aceitação*. Trata-se, portanto, de mais um texto metaficcional.

cional que é consultado e comentado dentro da história. Essa autorreferencialidade, a falta de certeza sobre a capacidade da bióloga de enxergar o mundo ficcional de maneira neutra e as seleções conscientes que ela fez sobre o conteúdo ressaltam o aspecto duvidoso, não confiável, desses discursos.

Entre os diversos textos autorreferenciados na trilogia, a mensagem gravada em material orgânico nas paredes da torre na Área X é um dos que ganha mais destaque durante os três romances. Os linguistas do Comando Sul concluem que as escolhas verbais e a sintaxe do texto combinam com os sermões proferidos por Saul Evans, o faroleiro.

Saul, assim como quase todos os personagens, possui uma vida anterior à Área X, quando era pastor em uma igreja, e uma posterior, quando volta a pregar esse sermão macabro como o monstro rastejador, subindo e descendo as escadas em espiral da torre. A bióloga entende que o sermão funciona como um roteiro, um catalisador para a criação e recriação do ambiente dentro da fronteira, o qual está prestes a chegar ao último ciclo:

Se as indicações dos diários são verdadeiras, então quando o Rastejador atingir o final do seu último ciclo no interior da Torre, a Área X entrará em um período convulso de barricadas e de sangue, como um cataclísmico período de muda, se podemos pensar assim. (VANDERMEER, 2014, p. 194)

É como se o mundo fosse moldado por esse catalisador baseado em linguagem, em palavras que estão vivas e derivam de um sermão apocalíptico. O que parece estar em questão na figura do rastejador é a maneira com que o mundo ficcional da trilogia, e também o mundo real, são permeados, catalisados e podem ser refeitos por meio da linguagem. Patrícia Waugh reforça a ideia da linguagem como mediadora e criadora ao dizer que “[s]e nosso conhecimento do nosso mundo é agora visto como mediado pela linguagem, então a literatura de ficção (mundos construídos inteiramente de linguagem) torna-se um modelo útil para aprender a respeito da construção da própria ‘realidade’” (WAUGH, 2001, p. 3, trad. nossa).

O que entra em questão, na perspectiva do Antropoceno, é pensar que essa

linguagem criadora de mundos, assim como a do rastejador da Área X, pode ser incompreensível para os humanos, por se tratar de uma forma de comunicação específica da natureza:

Tenho consciência de que toda esta especulação é incompleta, inexata, imprecisa, inútil. Se não tenho as respostas verdadeiras é porque ainda não sabemos que perguntas devemos fazer. Nossos instrumentos são inúteis; nossa metodologia, defeituosa; nossas motivações, egoístas. (VANDERMEER, 2014, p. 194)

Esse questionamento a respeito de métodos, teorias e, principalmente, da possibilidade de um olhar objetivo e neutro sobre a natureza é um ponto importante da trilogia que se relaciona às buscas de novas formas de pensar e enxergar o mundo e o papel do homem na sua relação com o planeta, com os animais não humanos, com as plantas, ou seja, com toda a biosfera da qual o *homo sapiens* deveria se ver como parte e não como elemento separado ou superior.

Outra característica formal da trilogia, que também provoca descontinuidades e nos impele a questionar até que medida os sentidos e a cognição humana podem revelar a verdade do mundo, é o procedimento de criação de estranhamento, presente nas obras nas configurações de tempo, espaço, foco narrativo, personagens, enredo e, acima de tudo, nas rupturas de verossimilhança. VanderMeer traça um cenário ficcional onde continuamente o que é familiar e estranho se sobrepõem e invertem, abrindo e fechando portas e véus de informação e desinformação. São estranhamentos percebidos pelos personagens e, conseqüentemente, pelo leitor:

Então os golfinhos emergiram, e isso produziu uma estranheza tão vívida quanto a de minha primeira descida à Torre. [...] Então, algo mais desolador ocorreu. Quando passavam por mim, o mais próximo girou o corpo para ficar de lado e me encarou com um olho que, naquele breve momento, não me pareceu em nada com o de um golfinho. Era dolorosamente humano, quase familiar. [...] Tive a inquietante sensação de que a natureza à minha volta havia se transformado em uma espécie de camuflagem. (VANDERMEER, 2014, p. 99)

O tema da camuflagem e das falsas aparências perpassa toda a trilogia. Animais parecem ter olhares humanos, plantas e musgo têm o formato de pessoas, os monstros possuem dentro de si pessoas transformadas, palavras nas paredes da torre se revelam organismos vivos brotando como frases. Incertezas de percepção que se somam aos resquícios de hipnose e à influência da Área X. Os sentidos humanos deixam de ser suficientes para apreender os fatos e, como fica evidente em *Autoridade*, isso acontece tanto dentro quanto fora da fronteira.

O estranhamento utilizado como dispositivo literário produz uma interação entre conteúdo e forma que ressalta ainda mais a incerteza e o assombro dos personagens frente aos eventos e elementos das cenas, criando uma relação dúbia entre o que é familiar e estranho, e causando um efeito disruptivo na percepção do leitor.

A partir do que foi aqui demonstrado, concluímos que a trilogia *Comando Sul* dialoga com as questões de ordem climática, ecológica e filosófica que envolvem a noção de Antropoceno tanto no âmbito do conteúdo abordado quanto da forma literária que a constitui, propondo uma estrutura que se volta e revolta em torno de si mesma, favorecendo reflexões e questionamentos sobre o nosso momento histórico e sobre o papel da linguagem e da ficção enquanto propagadoras de representações e formas de existir e coexistir.

Pelo olhar da bióloga, VanderMeer nos mostra que “viver em um tempo de catástrofe planetária começa com uma prática ao mesmo tempo humilde e difícil: perceber os mundos ao nosso redor” (BUBANDT et al., 2017, p. M7, trad. nossa).

REFERÊNCIAS

- BUBANDT, Nils; GAN, Elaine; SWANSON, Heather; TSING, Anna. (Orgs.). *Arts of living on a damaged planet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. *The "Anthropocene"*. In: Global Change Newsletter, Estocolmo: IGBP, 41, 17-18, maio 2000.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- LATOOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu/Ateliê de Humanidades, 2020.
- LOVELOCK. *Gaia: alerta final*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. Edição digital.
- TSING, Anna Lowenhaupt. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: Mil Folhas do IEB, 2019.
- VANDERMEER, Jeff. *Aceitação*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- VANDERMEER, Jeff. *Aniquilação*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- VANDERMEER, Jeff. *Autoridade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- WAUGH, Patricia. *Metafiction: the theory and practice of self-conscious fiction*. Londres: Routledge, 2001.